



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

A INFÂNCIA NO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

MÁRCIA THAÍS FERREIRA RODRIGUES
RA 20329627

PROF. ORIENTADOR: ELLIS REGINA ARAÚJO DA SILVA

Brasília/ DF, junho de 2007

MÁRCIA THAÍS FERREIRA RODRIGUES

A INFÂNCIA NO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof(a). Orientador(a): Ellis Regina Araújo da Silva

MÁRCIA THAÍS FERREIRA RODRIGUES

A INFÂNCIA NO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof(a). Orientador(a): Ellis Regina Araújo da Silva

Banca Examinadora:

Prof(a).
Orientadora(a)

Prof(a).
Examinador(a)

Prof(a).
Examinador(a)

Brasília/DF, junho de 2007

Dedico esta monografia, primeiramente a Deus ser supremo que me deu forças e empenho para conquistar essa vitória; À minha mãe, Ruth, que se esforçou para me dar a oportunidade de cursar uma faculdade, ajudando-me nos momentos de desespero; ao meu esposo Cláudio, que não mediu esforços para me ajudar nas dificuldades e finalmente, a Ana Luiza, minha filha que muitas vezes se privou da minha presença, impulsionando-me a buscar a vida todos os dias.

Agradeço a todos que me ajudaram nessa jornada. À minha orientadora Ellis Regina pelo apoio, dedicação e incentivo nas horas que pensei em desistir e a minha família e amigos que sempre me apoiaram e instigaram-me para eu atingir meu objetivo.

Resumo

Este trabalho visa a reflexão sobre como o jornal Correio Braziliense trata a criança em suas matérias. Para tanto, utilizou-se o referencial das teorias da notícia. Esta pesquisa apresenta a descrição do jornal e o significado do que é ser criança, para depois se tratar da cobertura analisada. Foram 14 edições, nas quais 43 matérias abordavam o tema da infância. O método utilizado é a análise de conteúdo.

Palavras – chave: Criança, mídia, jornal, análise de conteúdo, violência.

Sumário

Introdução.....	8
1 Referências Teóricas.....	9
1.1 A hipótese da agenda – setting	9
1.2 O newsmaking: critérios de relevância e noticiabilidade.....	10
1.3 Fragmentação da informação e noticiabilidade	12
1.4 O newsmaking: Os valores/notícia.....	13
1.5 Critérios substantivos	13
1.6 Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável.....	14
1.7 Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional	14
1.8 Quantidade de pessoas que o acontecimento envolve.....	14
1.9 Relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação	14
1.10 Critérios relativos ao produto	15
1.11 Critérios relativos ao público.....	15
1.12 Critérios relativos à concorrência.....	15
2 Infância e Mídia.....	16
2.1 Cobertura da infância na mídia.....	18
2.2 Correio Braziliense: De Hipólito Costa.....	18
2.3 O Correio de Assis Chateaubriand	18
2.4 Um novo jornal diário	20
2.5 O Jornal ganha um novo rosto	21
2.6 Do rosto se fez um novo jornal.....	22
2.7 Correio em 2000	22
2.8 O correio após as mudanças	24
3 Metodologia, análise e resultados.....	25
3.1 Metodologia.....	25
3.2 Análises e Resultados	26
3.3 Discussão dos Resultados.....	28
Conclusão	30
Referências bibliográficas	31

Introdução

Este trabalho se propõe a analisar a cobertura do Correio Braziliense nas matérias em que crianças estão envolvidas. A intenção é mostrar quais são os tipos de notícias em que essas crianças estão presentes e quais as influências da mídia para o crescimento desses pequenos.

Esta monografia realiza uma avaliação da ação da mídia ante o fenômeno da cobertura da criança no Correio Braziliense. Para alcance deste objetivo, foram coletadas e analisadas matérias do jornal Correio Braziliense sobre fatos que mostram como a criança é tratada pelo jornal.

A intenção deste trabalho é mostrar como as crianças são tratadas pela mídia e explicar porque esses pequenos estão mais envolvidos em violência, quando são mencionados pelo Jornal Correio Braziliense. Neste sentido, o método utilizado foi a análise de conteúdo.

Esta pesquisa está organizada em três partes. Em seu primeiro capítulo, encontram-se as referências teóricas. O segundo capítulo, aborda a infância e mídia, mostrando o que é infância e a sua cobertura pelos meios e apresentam ainda o jornal Correio Braziliense, relatando suas mudanças e no último capítulo tratamos da metodologia, análises e resultados alcançados. Em seguida, apresentamos as conclusões e as referências bibliográficas.

1 Referências Teóricas

1.1 A hipótese da agenda – setting

A abordagem sobre a cobertura da infância no jornal Correio Braziliense deve ser precedida de algumas considerações sobre as teorias que tratam do meio de comunicação. Dentre as teorias, a hipótese da agenda setting sustenta que a mídia apresenta ao público fatos a respeito dos quais se podem ter uma opinião e discutí-la. A agenda mostra que a compreensão das pessoas sobre a realidade social é modificada pelos meios de comunicação de massa (SHAW, 1979, apud WOLF, 2003, p. 143).

“A hipótese da agenda-setting sustenta que “em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Além disso, tende a conferir ao que lê inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas” (SHAW, 1979, apud WOLF, p. 143).

Segundo Roberts (1972), à medida que o destinatário não consegue controlar a exatidão da representação da realidade social, a imagem que ele forma para si mesmo acaba sendo distorcida, estereotipada ou manipulada (1972, apud WOLF, 2003).

Já segundo GALTUNG-RUGE, as rotinas de produção e os critérios de relevância formam o quadro institucional e profissional dentro do que é noticiabilidade que é percebida pelos jornalistas (1965, apud WOLF, 2003, p. 145).

“Em outras palavras, “os meios de comunicação de massa fornecem algo que é mais do que simplesmente um certo número de notícias. Eles fornecem também as categorias em que os destinatários podem facilmente situá-las de modo significativo” (SHAW, 1979, apud WOLF, 2003 p.145).

A hipótese mostra a variedade sobre a quantidade de informações, conhecimentos e interpretações da realidade social, apresentados pelos meios de comunicação de massa.

A influência dos meios de informação, pode mostrar que toda a lista de issues na agenda dos meios de comunicação de massa pode transferir o conteúdo para

agenda do público, mantido a mesma ordem de prioridade entre os argumentos (ZUCKER, 1978, apud WOLF, 2003, p. 155).

Segundo Zucker, a capacidade de influência dos meios de comunicação de massa sobre o que é importante varia de acordo com os temas tratados. A influência é maior sobre alguns assuntos do que outros. “Quanto menor for a experiência direta das pessoas em relação a uma determinada área temática, mais ela dependerá da mídia para obter informações e os quadros interpretativos àquela área” (ZUCKER, 1978, apud WOLF, 2003, p. 155).

A tematização é um processo informativo que faz parte da hipótese da agenda-setting. Sua função é selecionar os grandes temas nos quais se devem concentrar a atenção pública e mobiliza-la para as decisões.

“Tematizar um problema significa, na realidade, colocá-lo na ordem do dia da atenção do público, dar-lhe a importância adequada, salientar sua centralidade e sua significatividade em relação ao fluxo normal da informação não tematizada” (ROSITI, 1982, apud WOLF, 2003, p. 165).

A estratégia da tematização, voltada para obter efeitos de agenda-setting, varia nos veículos impresso e a televisão. Pois a informação impressa organiza-se em torno da memória dos acontecimentos, enquanto a televisiva concentra-se na atualidade (MARLETTI, 1982, apud WOLF, 2003, p. 166).

“Mas no processo da tematização também deve considerar outra dimensão, que está ligada não apenas à quantidade de informação e o tipo de conhecimentos que produzem tematização sobre um acontecimento: é a natureza pública do tema, sua relevância social”. “Nem todo acontecimento ou problema é suscetível de tematização, apenas os que denotam alguma relevância político social. “Os meios de comunicação de massa, portanto, tematizam dentro dos limites que eles não delimitam, mas que simplesmente reconhecem e começam a cultivar” (MARLETTI, 1982, apud WOLF, 2003, 166).

1.2 O newsmaking: critérios de relevância e noticiabilidade.

Os problemas com os quais se ocupa a abordagem do newsmaking se articulam em dois binários: a cultura profissional dos jornalistas, e a organização do trabalho e dos processos de produção.

O objetivo de cada aparato de informação é o de fornecer relatórios dos acontecimentos significativos e interessantes. Só que esse objetivo é complexo, pois a vida cotidiana é formada por superabundância de acontecimentos, e cabe ao meio de informação selecionar esses eventos.

Para produzir notícias, as redações devem satisfazer três tarefas:

1. Reconhecer um evento como noticiável;
2. Elaborar formas de relatar os eventos, sem levar em conta a pretensão de cada acontecimento de ser uma exposição idiossincrásica;
3. Organizar o trabalho temporal, trabalhar os eventos noticiáveis de modo planejado (TUCHMAN, 1977, apud WOLF, 2003, p.195).

Segundo Garbarino (1982), existem restrições ligadas à organização do trabalho, sobre as quais se constroem convenções profissionais, que determinam a definição de notícia, o processo de produção e contribuem para prevenir as críticas do público. Sendo determinado, assim, um conjunto de critérios de relevância, que definem a noticiabilidade de cada assunto.

Dessa forma, as características da organização do trabalho e os elementos da cultura profissional é restrito e vinculador, e isso define as características necessárias que os eventos devem possuir para serem transformados em notícias, isto é, para conseguir satisfazer as três tarefas acima citadas. A noticiabilidade é formada pelos requisitos que se exige para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas para adquirir a existência pública de notícia.

“Pode se dizer também que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos” (TUCHMAN, 1973, apud WOLF, 2003, p. 196).

A definição de noticiabilidade está vinculada ao conceito de perspectiva da notícia: é a resposta dada pelo aparato informativo à pergunta que domina a atividade dos jornalistas, ou seja: que acontecimentos cotidianos são importantes?

“As notícias são os que os jornalistas definem como tal: Essa tese raramente é explicitada, visto que parte do *modus operandi* dos jornalistas é que os eventos ocorrem fora e os primeiros limitam-se, simplesmente, a relatá-los. Em contrapartida, sustentar que os jornalistas fazem ou selecionam arbitrariamente as notícias seria contrário a posição epistemológica, uma teoria implícita do conhecimento, construída com base

em procedimento práticos para resolver exigências organizacionais” (ALTHEIDE, 1976, apud WOLF, 2003, p. 196).

Partindo dessa perspectiva, “faz notícia” tudo que pode ser trabalhado sem muitas alterações e subversões do ciclo de produção normal. Mas é claro que no caso de eventos excepcionais, o meio de comunicação tem a elasticidade necessária para adaptar os procedimentos à situação. Em geral, a noticiabilidade é avaliada em relação ao grau de integração que ela apresenta no andamento normal e rotineiro das fases de produção.

“A notícia é produto de um processo organizado, que implica uma perspectiva prática sobre os eventos, voltada a representá-los, a dar estimativas simples e diretas sobre suas relações, e a fazer isso de modo que consiga atrair atenção dos espectadores” (ALTHEIDE, 1976, apud WOLF, 2003, p. 197).

1.3 Fragmentação da informação e noticiabilidade

O discurso sobre a noticiabilidade pode parecer, à primeira vista, uma ligação abstrata com os fundamentos constitucionais da instituição jornalística. Os argumentos que se contrapõem a ela são muitos; parte da idéia que a notícia é imprescindível assim como os acontecimentos e, não pode ser limitada a esquemas analíticos, visto que, o discurso sobre noticiabilidade trata de capacidades exclusivamente subjetivas (o faro para a notícia, jornalista se nasce, etc). Um analista pode ter dificuldade em compreender a lógica da produção de notícias e captar seus elementos significativos.

Segundo Mauro Wolf (2003), o conjunto de fatores que determina a noticiabilidade dos acontecimentos permite realizar a cobertura informativa cotidiana, mas dificulta o aprofundamento e a compreensão de muitos aspectos apresentados como notícias.

1.4 O newsmaking: Os valores/notícia

Os valores representam a seguinte resposta à pergunta: quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, relevantes, para serem transformados em notícia?

Em primeiro lugar, deve-se mostrar que, embora o discurso sobre esses fatores apresente como valores/notícia individualizados, na verdade eles operam na prática de modo complementar. Na seleção dos eventos a serem transformados em notícia, os critérios de relevância funcionam conjuntamente “em maços”; são as diversas relações e as combinações que determinam entre diferentes valores notícia, a seleção de um fato.

Esses valores notícias são utilizados de duas formas: são critérios para selecionar os elementos que devem ser incluídos no produto final; E em segundo eles funcionam para guiar o que deve ser enfatizado, e que deve ser omitido, onde der prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. Os valores notícias devem permitir uma seleção do material, feita de forma apressada, de modo quase automático, mas caracterizado de certo grau de flexibilidade e de comparação.

Esse valores/notícia derivam de admissões implícitas ou de considerações relativas o:

- a- Caracteres substantivos das notícias, ou seu conteúdo.
- b- Disponibilidade do material e os critérios relativos ao produto informativo.
- c- Público
- d- Concorrência

1.5 Critérios substantivos

Os critérios substantivos articulam-se em dois fatores: a importância e o interesse da notícia. Mas dizer que uma notícia é escolhida por ser importante ou interessante não esclarece muito, enquanto não se especificarem os dois valores/notícia, explicitando sua aplicação operativa, e seu entendimento.

A importância parece ser determinada por quatro variáveis:

1.6 Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável.

Esta aceção do valor/notícia cobre os dois fatores definidos por Galtung-Ruge. “Quanto mais o acontecimento interessar a pessoas de elite, maior será sua probabilidade de se tornar notícia” (Galtung – Ruge, 1965, apud WOLF, 2003, p. 208).

1.7 Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional

O segundo fator que determina a importância de um acontecimento é a sua capacidade de influir ou de incidir sobre os interesses do país.

A esse fator também está relacionado o valor notícia da proximidade, seja como vizinhança geográfica ou como vizinhança cultural.

1.8 Quantidade de pessoas que o acontecimento envolve

“Os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas, e, quanto maior for o número de pessoas, mais importante é a notícia” (GANS, 1979, apud WOLF, 2003 p. 211). A respeito desse fator, há complementaridade dos valores/notícia: pois ele se relaciona diretamente ao da afinidade cultural e da distância. Pois um evento que ocorre nas proximidades é mais importante que o mesmo tipo de evento que envolve mais vítima mas que ocorre em local mais distante.

1.9 Relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação

Segundo Golding-Elliott (1979), o interesse da história está ligado às imagens que os jornalistas fazem do público e também ao valor notícia que ele define como “capacidade de entretenimento”. Para eles, interessantes são as notícias que buscam dar ao evento uma interpretação baseada no interesse humano e que atraem a atenção.

1.10 Critérios relativos ao produto

No que se refere ao produto, esses critérios relacionam – se ao procedimento de produção, de consequência das possibilidades técnicas e organizacionais (ELLIOTT, 1979, apud WOLF, 2003, p. 214).

Golding-Elliott incluem também nessa classe o critério da brevidade. De acordo com um ditado usado pelos jornalistas: “as notícias deveriam ser como as saias de uma mulher: longas o bastante para cobrir o essencial, mas suficientemente curtas para chamar atenção” (ELLIOTT, 1979, apud WOLF, 2003, p. 215).

1.11 Critérios relativos ao público

Estes dizem respeito ao papel que reveste a imagem do público, compartilhada pelos jornalistas.

Os jornalistas conhecem pouco seu público: embora os meios realizem pesquisas sobre as características da audiência, sobre os hábitos e sobre as preferências.

Mas segundo Gans (1979), os jornalistas precisam apresentar programas informativos, e não tentar satisfazer o público, pois quanto menos souberem mais atenção podem dar a notícia.

Gans define em três categorias o que é necessário para o público:

- a- As notícias de identificação parte do espectador;
- b- Notícias de serviço;
- c- As chamadas non-burdening stories, ou seja, notícias leves, que não oprimem o público ou histórias deprimentes.

1.12 Critérios relativos à concorrência

Segundo Gans, a competição determina três tendências, que refletem em alguns dos valores/notícia.

Primeiro lugar, são os órgãos de informações rivais que tentam usar furos de reportagem para prejudicar os concorrentes (GANS, 1979, apud WOLF, 2003, p. 224).

A segunda tendência consiste no fato de que a competição gera expectativas recíprocas, e isso pode fazer com que uma notícia seja selecionada por se esperar que os meios de comunicação concorrentes também o façam.

2 Infância e Mídia

“As palavras infante, infância e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas daí derivadas, recobrem um campo semântico estreitamente ligado a idéia de ausência de fala”. Esta noção de infância como qualidade ou estado de infante, isto é, d’aquele que não fala, constrói-se a partir dos prefixos e radicais lingüísticos que compõem a palavra: in= prefixo que indica negação; fante = particípio presente do verbo latino fari, que significa falar, dizer (LAJOLO, 1999, p. 225).

Segundo o estatuto da criança e do adolescente, criança é toda pessoa com idade até 12 anos incompletos (BARBEIRO, LIMA, 2003, p. 24).

Apesar das pessoas associarem a palavra criança a um ser frágil como um papel, segundo M. de Grenailly(1643), ela é considerada por muitos o futuro de uma nação, pois constituirá sua base produtiva e sua direção política, garantindo assim, o desenvolvimento da sociedade.

Em qualquer situação, a criança tem extrema importância para a manutenção da sociedade, sendo esta responsável pelo mundo infantil e por seu contato com a realidade social na qual está inserida. Diante deste papel social, a escola e a família são fundamentais para a vida das crianças, pois propiciam sua educação. Porém, nos dias atuais, a mídia ocupa também o papel de educadora.

“Não é arriscado dizer que a História Social da Infância no Brasil é também a história da retirada gradual da questão Social Infantil do universo de abrangência das questões de estado” (FREITAS, 1999, p. 11).

“Avançando no tempo, com o transcorrer do século XX, especialmente a partir dos anos de 1950, não são poucas as vezes na qual o discurso sobre o menor (infrator, abandonado, tutelado, etc) passa a ser acompanhado da referência estatística a situação da infância em geral, e de recomendações institucionais acerca da necessidade de políticas públicas sobre a infância produzida por organismos internacionais. Como no bojo de muitas considerações, os espaços públicos para infância tornaram-se objeto de contendas” (FREITAS, 1999,p.14).

“A criança que se torna sujeito de um processo, qualquer que seja sua natureza jurídica ou objeto em debate, é apresentada com as práticas narrativas e discursivas do psicólogo, do médico, ou do jurista, do pedagogo, do assistente social, do sociólogo, etc. Seu comportamento, ou a expectativa sobre seu futuro tornam-se, em centenas de processos, subordinados à considerações expressas naquelas fontes de estudo” (FREITAS, 1999, p. 11).

O tema criança e mídia é tipicamente desafiador, pois agrupa três aspectos fundamentais dos direitos da criança: acesso a informação, proteção e participação (DAIVID, 2002, p.37).

Segundo Paulo Daivid as crianças solicitam acesso à informação apropriada em respostas às suas dúvidas (DAIVID, 2002, p.38). Mas é lógico que elas necessitam de proteção contra informações prejudiciais. Segundo ele, os pais e professores têm responsabilidade de prover orientações e proteção às crianças.

“Neste ambiente, a implementação do artigo 17 sugere a conciliação de um amplo aspecto de interesses, incluído: respeitar a lei; informar de modo a servir ao “interesse público”; ter sucesso no negócio; desenvolver novos mercados; promover e proteger os direitos humanos; prover orientação educacional e assumir a responsabilidade de pai” (PAULO DAIVID, 2002, p.38).

De acordo com Paulo Daivid (1993), a criança tem direito de participação no acesso à informação, à proteção contra informações prejudiciais e à produção e difusão das informações. De acordo com Paulo Daivid, a criança na mídia pode trazer imagem positiva do seu papel (DAIVID, 1993, p. 39). Ele afirma que a participação da criança pode ser limitada pelos adultos que, fingem não querer que elas tenham contato com informações prejudiciais.

Em muitas sociedades, a imagem da criança veiculada pela mídia permanece simplista. Na maioria das vezes, as crianças são invisíveis na mídia, exceto quando estão envolvidas em um acontecimento especial ou drama sensacionalista. Frequentemente, a imagem da criança inocente e do adolescente rebelde e agressivo predomina na mídia (DAIVID, 1993, p. 40).

Segundo Paulo Daivid, as crianças são tratadas como objetos pela mídia, que “fazem vista grossa” as seus direitos. A criança faz parte de grupos vulneráveis, que deveriam receber atenção especial não só no que diz respeito à proteção, mas também no que diz respeito aos direitos de participação (DAIVID, 1993, p. 40).

2.1 Cobertura da infância na mídia

Segundo Sylva, os primeiros cinco anos de vida são importantes para o desenvolvimento emocional, intelectual e social da criança, pois eles fazem parte da época em que a criança se desenvolve e absorve conhecimentos mais rapidamente. (SYLA; LUNT, 1994, apud TELLES, NEBRA, 2003). Portanto, os pais precisam ficar atentos ao que pode influenciar seus filhos de forma positiva e negativa. “Autores defendem a idéia que o contato com a mídia deve ser ativamente acompanhado pelos pais” (PEREIRA, 1998, apud TELLES, NEBRA 2003).

2.2 Correio Braziliense: De Hipólito Costa

O jornal Correio Braziliense foi fundado por Hipólito da Costa, em 1808, poucos meses antes da Gazeta do Rio de Janeiro e é considerado por muitos estudiosos da Imprensa no Brasil o primeiro jornal brasileiro. O jornal era editado em Londres e chegava ao Brasil contrabandeado por navios ingleses que aqui aportavam, sendo que o reino de Portugal censurava todo impresso confeccionado no Brasil Colônia. Apesar da assinatura cara para os padrões da época, o jornal era muito lido pelos formadores de opinião da colônia. Seu editor era brasileiro, nascido na província de Sacramento, conhecido hoje como Rio Grande do Sul. Bacharel em leis e filosofias maçônicas, ocupou vários cargos no estado Português e saiu para a Inglaterra fugindo em razão a sua participação na maçonaria, organização perseguida naquela época. Chegando lá, como defensor da liberdade de Imprensa, resolveu criar uma gazeta livre para os compatriotas “brasiliense, como ele chamava os residentes do Brasil” (MORELLI,2002, p.106).

2.3 O Correio de Assis Chateaubriand

Segundo a professora de jornalismo da Universidade de Brasília (UNB) Ana Morelli, o criador do Correio Braziliense foi o jornalista e empresário Assis Chateaubriand, dono da cadeia de veículos de comunicação Diários Associados.

O Correio surgiu de uma aposta entre Chateaubriand e o presidente Juscelino Kubitschek. Chatô no início foi contrário à construção de Brasília, pois achava que era mais uma loucura de Juscelino. Chateaubriand prometeu ao presidente que se

ele conseguisse construir a cidade no tempo previsto ele encontraria um jornal no dia da inauguração.

Com aprovação de uma resolução em Congresso dos Diários Associados, que já apontavam a necessidade da criação de um jornal na futura capital do país, deu início ao jornal. Entusiasmado com a idéia, João Calmon, que era a segunda pessoa em poder de decisão dos Diários Associados à época do início da edificação de Brasília, trouxe para si a luta pela concretização do projeto pois, segundo ele, era importante para o grupo possuir um jornal na cidade. Para que o correio se materializasse no Planalto Central, muitas ações foram executadas, principalmente por Calmon (MORELLI, 2002, p. 107).

Os primeiros jornalistas foram convocados por Chatô, principalmente os associados do Rio de Janeiro e São Paulo, por meio de “um voluntariado compulsório” estabelecido por ele. Além destes, os funcionários públicos da cidade de Brasília foram se juntando à equipe (MORELLI, 2002, p. 107).

O Correio não teve uma gênese ligada nem a uma causa política, como o Estado de São Paulo, nem a uma motivação comercial, como foi o caso da Folha de São Paulo. O Correio Braziliense acabou por uma série de fatores, tornando-se um jornal que apoiou durante anos os governos locais e o federal em algumas ocasiões, sendo que a idéia inicial era ocupar o mercado de Brasília, cuja independência editorial ocorreu a partir de 1994, motivada por questões mercadológicas, históricas e políticas (MORELLI, 2002, p. 107,108).

O jornal refletiu a cidade e seus habitantes desde as primeiras edições, como os primeiros anos de Brasília foram de implantação da capital, estes também foram de implantação do jornal (MORELLI, 2002, p. 108)

Sua linha editorial, no início, era a dos Diários Associados. Os Diários possuíam uma tradição de serem governista, traço que o Correio trouxe de berço. Sem uma economia local forte, a saída inicial para manter o jornal era a publicidade, tanto federal quanto local, pois a venda em banca era pequena e as assinaturas eram feitas por órgãos públicos instalados na capital, sendo que, naquela época, ainda havia a troca de espaço publicitário em troca dos jornais ao governo (MORELLI, 2002, p. 109).

“do velho Correio Braziliense, de Hipólito da Costa, o novo Correio do século XX herdou apenas o nome e a defesa aguerrida da permanência da capital” (MORELLI, 2002, P.109).

2.4 Um novo jornal diário

No início de 1994, o Correio Braziliense vendia 33 mil exemplares, sendo que o seu principal concorrente, o jornal de Brasília vendia menos de 7 mil. Segundo o jornalista Ricardo Noblat, de cada 100 pessoas que diziam ler jornais de quatro a cinco vezes por semana, 85 só liam Correio. O jornal disputava com a TV Globo e detinha o monopólio dos pequenos publicitários locais (NOBLAT, 2003, p. 143).

Ainda assim o Correio se sentia ameaçado pela penetração crescente do Distrito Federal dos principais jornais do eixo Rio São Paulo e também dos jornais de outros estados. Os leitores avaliavam o Correio como um jornal provinciano, conservador e chapa branca (NOBLAT, 2003, p. 143).

Os leitores liam o Correio Braziliense por causa dos pequenos anúncios, noticiário local e por ser o jornal mais antigo do Distrito Federal, cuja primeira edição circulou no dia da inauguração de Brasília (NOBLAT, 2003, p.143).

A democracia foi estabelecida no país com o fim da ditadura militar. Os jornalistas exerciam seu ofício com mais liberdade, só que o Correio Braziliense se comportava como se nada tivesse mudado (NOBLAT, 2003, p.143).

.A reforma do jornal teve início em fevereiro de 1994 e ainda não terminou, e segundo Ricardo Noblat jamais terminará.

O jornal em 1994 funcionava assim:

- A maioria dos jornalistas tinha mais de um emprego.
 - Os repórteres trabalhavam para a edição dominical.
 - Os editores chegavam à redação no fim da tarde e fechavam suas matérias com releases e material de agências
- Fatos que pudessem desagradar ao governo local e federal e amigos da direção do jornal mereciam pouco destaque (NOBLAT, 2003, p.144).

Em fevereiro de 1994 o comando da redação foi trocado e a reforma do jornal teve seu início. Formado por seis jornalistas, o novo comando mostrou um programa mínimo de cinco pontos.

- Toda notícia que interessar os leitores deve ser publicada;
- É proibido publicar releases;
- O duplo emprego deve ser abolido;
- É permitido ousar;
- Erro existe para ser admitido;

Os dois primeiros itens logo foram cumpridos. E também causou choque tanto dentro do jornal como fora. Depois da mudança, o Correio Braziliense passou a oferecer aos leitores notícias que antes escondia ou minimizava. Como haviam sido proibidos de publicar releases, os repórteres foram obrigados a correr atrás de notícias (NOBLAT, 2003, p. 145).

O duplo emprego foi praticamente extinto em pouco menos de um ano, pois o jornal que busca dedicação exclusiva, aumentou o salário dos profissionais.

Em fevereiro de 1995, quase 90% da redação fora renovada. E a circulação paga do jornal aumentou 41,4%.

Com o estímulo à ousadia, a pauta do jornal renovou-se. As fotos ganharam mais espaço e as páginas ficaram mais leves (NOBLAT, 2003, p.145).

O programa de cinco pontos foi um sucesso, mas estava longe de ser uma reforma editorial. O jornal necessitava de pesquisas para conhecer o perfil dos leitores e reforçar a redações com profissionais qualificados (NOBLAT, 2003, p.146).

2.5 O Jornal ganha um novo rosto

No dia 21 de abril de 1996, o Correio Braziliense chegou às bancas com cara nova. A tipologia, a logomarca, as cores, desenho de páginas tudo mudara. O primeiro caderno começava com notícias internacionais. Em um caderno de oito páginas foram reunidas notícias do Distrito Federal. Havia novas seções.

A reforma enfatizou seis pontos.

- Jornal local;
- Jornal de referência nacional;
- Rigor na seleção das notícias;
- Aposta em grandes reportagens;
- Maior emprego em recursos visuais;
- Prestação de serviço ao leitor;

Foram percebidos de imediato pelos leitores: a ampliação do noticiário sobre o Distrito Federal e a beleza gráfica do jornal (NOBLAT, 2003, p.146).

O compromisso com noticiário local não diminuiu o empenho do jornal em oferecer melhor cobertura do governo federal e destacar fatos relevantes ocorrido no

país e no mundo. Em 1998, o Correio tinha correspondente em Nova York, Londres, Madri, Lisboa e Paris. E um colaborador fixo em Buenos Aires.

A essa altura, deteve-se o avanço de jornais de fora no mercado do Distrito Federal. E o Correio Braziliense começou ser levado em conta pelos formadores de opinião de outras cidades do país. A partir daí, o Correio Braziliense passou a ganhar importantes prêmios de jornalismo no Brasil e no exterior (NOBLAT, 2003, p. 147).

“ Fevereiro de 1994 significou uma correção no rumo editora do Correio, Abril de 1996, o início propriamente dito de reforma, Julho de 2000, a ruptura com o modelo de jornal que ainda vigorava por toda parte” (NOBLAT, 2003, p. 147).

2.6 Do rosto se fez um novo jornal

A decisão de mudança do jornal surgiu porque o modelo envelheceu. Esgotou por não levar em conta o surgimento de outros meios de comunicação e ignorar a evolução dos gostos, costumes e modo de vida das pessoas.

Essa mudança se deu com a intenção de:

- Atrair novos leitores
- Atrair os não leitores (pessoas que têm renda e escolaridade suficientes e para ler jornais, mas não lêem).
- Aumentar o grau de fidelidade dos atuais leitores.

“Só corre risco de morrer os jornais que não rejuvenescem” (GARCIA 2003 apud NOBLAT, 2003, p. 148).

“A meu juízo, um jornal que esquece que existe em função da comunidade na qual circula se encontra em grande perigo” (2003 apud Robson, 2003, p. 148).

2.7 Correio em 2000

Segundo Ricardo Noblat (2003), nada deve ser deixado ao acaso e nem ser feito de última hora. Ele acredita que o jornal deve surpreender o leitor que ainda não recebeu.

No novo jornal, o editor pensa em como fazer melhor seu trabalho. Ele acompanha todas as etapas de produção (NOBLAT, 2003, p. 148). O jornalista

chega cedo à redação e vai embora quando as páginas começam a ser fechadas por subeditores e redatores.

Quanto aos repórteres, eles estão sempre nas ruas atrás de notícias desconhecidas. Apuram, escrevem e editam as próprias notícias (NOBLAT, 2003, p. 149).

Editores e repórteres produzem matérias para todo jornal. O espaço de cada editoria é proporcional ao número de boas matérias que tenha. Quando surgem assuntos especiais, criam-se novas editorias, mas logo que esses assuntos acabam, dissolvem-se as editorias (NOBLAT, 2003, p.150).

Com busca de matérias exclusivas, o principal objetivo dos repórteres é tornarem-se cada vez menos reféns das notícias de ontem.

O jornalista Ricardo Noblat (2003) acredita que quem pauta o jornal é o repórter. Segundo ele, o único meio de oferecer notícias que surpreendem o leitor, é permitir que os repórteres pautem o jornal de fora para dentro. Ou seja, da rua para a redação.

Hoje, o jornal explica ao leitor o significado dos fatos, conta o que está por trás deles, destaca os que eles têm a ver com a vida das pessoas.

De acordo com Ricardo Noblat (2003), o jornal Correio Braziliense hoje abre mais espaço para manifestação dos leitores, que se reúnem periodicamente para criticar o jornal e sugerir meio e modo de fazê-lo melhor.

2.8O correio após as mudanças

A partir das mudanças, o jornal passou a ser colorido e com três cadernos: o primeiro caderno, com notícias de política, economia, internacional, esportes, cultura e entretenimento, debates opinião e também as notícias locais. O Guia diário é um grande roteiro e guia de serviço de Brasília, que inclui a programação cultural e lazer; reclamações sobre telefones, lojas e buracos; dicas de como economizar; e matérias de serviço. E o terceiro caderno é de temas leves como: comportamento, saúde, moda, sexo, família, bichos de estimação, gastronomia, Internet, decoração, curiosidades, educação, ciência e outras áreas típicas de cobertura de revistas. Sendo que também entram horóscopo, quadrinhos e passatempos (CHIARINI, 2000, p. 28).

“Além dos classificados, continuaram saindo uma vez por semana os suplementos pré veículos (Sobre Rodas, quinta-feira), turismo (lugares, quarta-feira), informática (e-tudo, terça-feira), emprego (Emprego e formação profissional, domingo), judiciário (Direito e Justiça, segunda-feira), televisão (Correio da TV, Domingo) e fim de semana (na sexta-feira). Os suplementos continuaram porque trazem anúncios para o jornal e atraem novos leitores” (CHIARINI, 2000, p.28).

E para formação do público futuro, foi lançado Este é meu!- um encarte no formato de tablóide com as notícias do dia especialmente escritas para criança de 6 a 9 anos e com bastante imagens e concurso de desenho, poesia, coleção de palavras etc. Mas com todas essas mudanças, o tamanho do jornal, permanece o mesmo (CHIARINI, 2000, p. 28).

Segundo Chiarini (2000), a valorização da notícia local é um ponto importante do Correio. As relações do jornal com Brasília e o público do Distrito Federal são destacadas mesmo na narração de fatos ocorridos em outro lugar, até em outro país.

3 Metodologia, análise e resultados

3.1 Metodologia

Para atingir os objetivos, este estudo se baseou na técnica de análise de conteúdo, para analisar as edições do Correio Braziliense. Foram analisadas 14 edições no período de 13 de março a 27 de março de 2007.

Segundo Laurence Bardin (1977), as diferentes fases de análise de conteúdo organizam-se em torno de três pontos cronológicos:

- a) A pré-análise;
- b) A exploração do material;
- c) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Pré-análise: tem como objetivo, segundo Bardin, tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, desenvolvendo um plano de análise. Esta primeira fase se resume a escolha dos documentos a serem analisados, a formulação da hipótese e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (1977, 95).

Essas escolhas não seguem obrigatoriamente, uma ordem cronológica, embora se mantenham ligadas, pois a escolha de documentos depende dos objetivos ou, inversamente, o objetivo só é possível em função dos documentos disponíveis. A pré-análise tem como objetivo organizar, embora ela mesma tenha atividades não estruturadas. (Ibid. p. 96)

- a) *Leitura Flutuante*: estabelece-se contato com os documentos a serem analisados. No caso da análise deste trabalho, esse primeiro contato foi feito com os livros e jornais referentes a esse assunto. Nesse período, tudo de interesse para a pesquisa foi separado e recortado.
- b) *Escolha dos documentos*: pode ser feito de forma que, uma vez determinado os objetivos, escolhe-se o universo de documentos que podem oferecer informações relevantes sobre o problema. Desde o momento que o objeto foi escolhido, os documentos a serem analisados, no caso, o jornal Correio Braziliense, e todos os materiais referentes ao assunto.

3.2 Análises e Resultados

Este trabalho analisou 14 edições, publicadas no Jornal Correio Braziliense entre os dias 13 e 27 de março deste ano.

Entre as quarenta e três matérias, os assuntos mais presentes foram a violência e educação, sendo que 18 dessas matérias abordavam o envolvimento de crianças em algum tipo de violência. Nas outras matérias analisadas, os assuntos ficaram divididos entre: educação, saúde, esporte, problema social, trabalho, turismo e integração social.

Na cobertura dessas notícias, o Jornal Correio Braziliense conseguiu desenvolver o papel de informar a população os tipos de punição caso cometa algum tipo de crime. No entanto, os assuntos referentes à educação foram pouco explorados nas edições analisadas.

O quadro de resultados nº 1, apresenta os dados coletados, no Jornal Correio Braziliense.

No quadro nº 1, destacam-se os assuntos e categorias em que as crianças estavam envolvidas

Quadro de Resultados número 1

Data de publicação	Classificação da notícia	Editoria	Formato	Foco temático	Tipo de imagem	Fontes usadas
13/03/2007	Violência	Brasil	Artigo	Nacional	Fotográfica	Oficial
13/03/2007	Violência	Brasil	Nota	Nacional	Fotográfica	Não oficial
13/03/2007	Educação	Cidade	Reportagem	Local	Fotográfica	Oficial
14/03/2007	Educação	Cidade	Reportagem	Local	Fotográfica	Oficiais
14/03/2007	Violência	Brasil	Reportagem	Nacional	Fotográfica	Oficiais e não oficial
14/03/2007	Violência	Brasil	Reportagem	Nacional	Fotográfica	Oficiais e não oficial
14/03/2007	Saúde	Brasil	Nota	Nacional	-	Oficiais e institucional
15/03/2007	Saúde	Cidade	Reportagem	Local	-	Oficiais e não oficial
16/03/2007	Educação	Cidade	Nota	Local	Fotográfica	Oficial
16/03/2007	Violência de trânsito	Brasil	Reportagem	Nacional	Fotográfica	Oficial
16/03/200	Violência	Cidade	Reportagem	Local	Fotográfica	Oficial e não oficial
17/03/2007	Saúde	Brasil	Chamada	Nacional	-	Insti. e oficiais
17/03/2007	Problemas sociais	Brasil	Reportagem	Nacional	-	Insti. oficiais
17/03/2007	Esporte	Esporte	Reportagem	Nacional	Fotográfica	Oficial
17/03/2007	Saúde *	Brasil	Reportagem	Nacional	-	Oficial

17/03/2007	Violência	Brasil	Nota	Nacional	-	Não oficial
17/03/2007	Violência	Mundo	Reportagem	Internacio nal	Fotográfica	Oficial e não oficial
17/03/2007	Violência	Cidade	Reportagem	Local	-	Oficial e não oficial
17/03/2007	Educação	Cidade	Nota	Local	-	Oficial
17/03/2007	Violência	Brasil	Nota	Nacional	-	Não oficial
17/03/2007	Saúde	Brasil	Nota	Nacional	-	Oficial
18/03/2007	Educação	Cidades	Reportagem	Local	Fotográfica	Oficiais
18/03/2007	Problema social	Brasil	Nota	Nacional	-	Oficial
18/03/2007	Educação	Cidade	Artigo	Local	-	Oficial
18/03/2007	Esporte e Integração	Cidade	Reportagem	Local	Fotográfica	Instituci onal e oficial
19/03/2007	Saúde	Cidade	Reportagem(capa)	Nacional	Fotográfica	Oficial
19/03/2007	Trabalho	Cidade	Nota	Local	-	Não oficial e instituci onal
20/03/2007	Violência*	Brasil	Nota	Nacional	-	Não oficial e oficial
20/03/2007	Violência	Cidade	Nota	Local	-	Oficial
21/03/2007	Turismo	Turis mo	Nota	Nacional	-	Instituciona l
21/03/2007	Problemas sociais	Cidade	Reportagem	Nacional	Fotográfica	Oficiais
22/03/2007	Violência	Brasil	Nota	Nacional	-	Não oficial
22/03/2007	Violência	Brasil	Nota	Nacional	-	Oficial
22/03/2007	Educação	Cidade	Nota	Local	Fotográfica	Oficial
22/03/2007	Violência	Brasil	Nota	Nacional	-	Oficial
23/03/2007	Violência	Brasil	Nota	Nacional	-	Não oficial
23/03/2007	Educação	Cidade	Nota	Local	Fotográfica	Oficial
24/03/2007	Saúde	Brasil	Nota	Nacional	-	Oficial e institu cional
25/03/2007	Educação	Brasil	Reportagem	Nacional	Fotográfica	Oficial
25/03/2007	Violência e problema social	Cidades	Reportagem	Local	Fotográfica	Não oficial
25/03/2007	Integração Social	Cidades	Reportagem	Local	Fotográfica	Instituci Onal e oficial
26/03/2007	Violência	Brasil	Nota	Nacional	-	Oficial

O quadro de resultados nº 2, mostra as freqüências em que as crianças foram tratadas em assuntos presentes nas edições analisadas.

Quadro de Resultados 2

Classificação das notícias	Freqüência total das matérias
Violência	18
Educação	9
Saúde	7
Esporte	2
Problema Social	3
Trabalho	1
Turismo	1
Integração Social	2

3.3 Discussão dos Resultados

Entende-se que ao jornalista cabe, entre outras coisas, selecionar o que é notícia e o que é importante para a informação e educação do público.

Segundo Galtung-Ruge (1965), os critérios de relevância de uma matéria formam o quadro institucional e profissional do que é noticiabilidade. A influência do que se considera importante varia de acordo com os temas. Sendo que a influência sobre alguns assuntos são maiores do que outros.

Assim, percebe-se que, ao longo das análises das matérias publicadas pelo jornal Correio Braziliense, os repórteres deram prioridades às matérias relacionadas à violência. Segundo a hipótese da agenda-setting, tematizar um problema é colocá-lo no conhecimento do dia-dia do público e dar-lhe a importância necessária. Sendo que a função é selecionar os temas nos quais se devem concentrar a atenção pública e mobilizá-la.

O objetivo de cada veículo de informação é fornecer informações dos acontecimentos significativos e interessantes para o leitor. Mas dizer simplesmente que uma matéria é escolhida por ser importante e interessante não é suficiente para determinar essa importância, existem certos critérios. Quanto mais próximo do seu leitor, as notícias publicadas, mais interessantes ao público.

Seguindo esse conceito, os jornalistas do jornal Correio Braziliense procuraram mostrar as notícias de caráter local, e, na maioria dessas notícias a

criança estava envolvida com a violência. Em várias matérias a violência envolvia muitas crianças, e a quantidade de envolvidos em uma notícia, também é um critério usado pelos jornalistas.

Ao analisar as matérias percebe-se que algumas notícias dão a sensação de que estão faltando detalhes, ou seja, a matéria está incompleta. Isso pode ocorrer devido a um dos critérios relativos ao público, que defende a idéia de que os jornalistas devem publicar matérias leves, que não oprimam o público e que não contenham histórias deprimentes.

Entende-se que a falta de informação das matérias analisadas do Correio, está relacionada aos critérios usados, pois como a maioria delas era de violência, não cabia ao jornalista informar detalhes que poderiam causar impacto nos leitores.

O uso de imagem fotográfica também foi um dos critérios observados na análise das matérias. Em todas as matérias que cabiam algum tipo de imagem que foi utilizada a fotografia. Mas nesse critério, o jornal seguiu o padrão que deve ser utilizado, pois nenhuma fotografia era de imagem que pudesse causar algum trauma ao leitor.

Conclusão

Embora o Correio Braziliense tenha tratado a criança de forma correta, seguindo os critérios de como devem ser as matérias relacionadas ao assunto, o jornal realizou a função apenas de informar.

O tema que mais retratado foi a violência, na qual os pequenos estavam envolvidos. Mas, durante a análise, foi possível explicar os motivos da seleção desses assuntos. Conclui-se que a valorização da notícia local é um ponto importante no Correio Braziliense. As relações com Brasília e o público do Distrito Federal são destacadas mesmo na narração de fatos ocorridos em outro lugar, até mesmo em outro país.

Estudos com este foco podem ser desenvolvidos alargando o horizonte para o olhar de como a mídia pode contribuir para informar o que acontece com as crianças.

Conclui-se também que no desenvolvimento dessa análise, encontra-se dificuldade para tratar da cobertura da criança no jornal impresso. O material mais encontrado é o da cobertura da criança na TV, e isso dificulta esse tipo de análise.

Este trabalho será enviado para setores do jornal para uma reflexão sobre o tema. Após toda análise, recomenda-se aos jornalistas uma maior preocupação mais com o papel de educador, procurando escrever mais sobre assuntos em que a criança esteja envolvida de forma positiva e matérias que possam educá-la.

Referências bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo, Rodolfo de. *Manual de radiojornalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Presses universitaires. 1977.

CORREIO Braziliense: Do pioneirismo a consolidação. *Universistas//comunicação*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 105, nov. 2003.

CHIARINI, Adriana, Barreto. *Como os diários impressos podem continuar interessantes com a concorrência dos serviços em tempo real – as reformas de o Globo e do Correio Braziliense em 2000 – a procura de uma resposta*. 2000. Dissertação (mestrado), Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

DAVID, Paulo. Os direitos da criança e a mídia. In: FEILITZEN, Cecília e CARLSSON, Ulla (orgs.). *A criança e a mídia*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 37 – 42.

GRENAILLE, M. DE. *Olhar da infância: um relato da mídia impressa*. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19398/1/Mayra+Feireira.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2007.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos, Cezar. (org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 225 – 246.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TELLES, Fabiana e NEBRA, Amália Raquel Pérez. MÍDIA e infância: Um estudo sobre as relações entre TV, crianças e suas famílias. *Universitas*, Brasília, p. 49, 2003.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALA PERDIDA

Com infecção, Priscila passa por nova cirurgia

Apenas três dias após receber alta, a estudante Priscila Aprígio da Silva, de 13 anos, que ficou paraplégica ao ser atingida nas costas por bala perdida durante assalto ao Banco Itaú, em Moema, São Paulo, foi submetida ontem à nova cirurgia. Priscila retornou para o Hospital Alvorada na noite de quinta-feira, depois de passar mal. Exames feitos na adolescente mostraram que ela teve infecção na região atingida pelo projétil.

Segundo o boletim médico, assinado por Guilherme Monteiro, diretor clínico do hospital, a intervenção cirúrgica foi necessária para limpar o percurso percorrido pela bala e que estava infectado. Depois da operação, a garota foi levada consciente para um quarto, onde se recupera. Não há previsão para alta. O tratamento agora deverá ser feito a base de antibióticos. Priscila deve ficar paraplégica por pelo menos dois anos. A estudante passou mal durante tratamento no centro de reabilitação do Hospital das Clínicas. Ao dar entrada no Hospital Alvorada, médicos constataram que ela estava com febre. Priscila havia recebido alta na terça-feira, depois de quase duas semanas internada. "Ela começou a sentir dores na cabeça e na nuca e os médicos acharam melhor submetê-la a uma bateria de exames para um diagnóstico mais preciso", contou o irmão da garota, o enfermeiro

Leandro Aprígio da Silva.

Outra vítima do mesmo tiroteio, a auxiliar de limpeza Maria Erenildes de Jesus Nascimento, afirma que está passando dificuldades financeiras e sentindo-se desprezada pelo banco e pelas autoridades. "A situação está difícil. Minha perna inchou, está dormente, tenho febre, não posso trabalhar, as contas atrasaram e a gente não tem nem o que comer", desabafou Maria Erenildes, que foi atingida no joelho direito por tiro de fuzil quando estava no ônibus.

O Itaú afirma que ofereceu assistência imediata a todas as vítimas e tratou do caso pessoal das que o procuraram. Além de Maria e Priscila, ficaram feridos o electricista José Raimundo de Jesus, que teve uma das pernas amputadas, e o advogado Fabio Ferreira Nascimento. Raimundo recebeu alta hospitalar na última quinta-feira e está em casa. Para subir os degraus estreitos com a cadeira de rodas, ele teve de ser carregado.

O advogado Ademar Gomes – que também representa Priscila – vai entrar com ação contra o Banco Itaú, pedindo indenização de R\$ 500 mil para Maria por danos morais e materiais. "A situação da família é crítica. Paguei as contas de água e luz da dona Maria, que estavam atrasadas, e dei algum dinheiro para a família, que não tinha nem o que comer", disse Gomes.

PARÁ

MENINO DE 8 ANOS MATA CRIANÇA

A população de Novo Progresso, no oeste do Pará, está assustada com a morte do menino Kauã Damásio Peres, de 3 anos. Ele foi levado de dentro da escola por outro aluno, um garoto de 8 anos, para um terreno baldio, morto a pauladas e depois decapitado com uma faca. O corpo foi encontrado na manhã de quarta-feira e ontem cerca de mil pessoas fizeram passeata até o fórum da comarca para pedir justiça. Foi o delegado José Casemiro Beltrão quem prendeu o menino com a arma do crime nas mãos e vestígios de sangue da vítima pelo corpo. Ao ser questionado pelo juiz sobre o motivo do crime, o menino disse apenas que não gostava de Kauã. "Dei uma paulada na cabeça. Ele caiu e nem chorou. Fui em casa, peguei uma faca e cortei a cabeça dele", relatou.

Revista em crianças

ATENDIMENTO A CRIANÇA

A assistente administrativa Fabíola Fernandes Reis Coelho, 27 anos, moradora da Asa Sul, em 3 de fevereiro foi ao Terraço Shopping com o marido e os filhos e resolveu deixar o filho de 2 anos na brinquedoteca Estação da Criança. Quando voltou para buscá-lo, uma hora depois, ele não estava lá. "Fui informada de que meu filho foi encontrado sozinho, perto da escada rolante", explica. Segundo Fabíola, imagens do sistema interno de segurança comprovam que a falha foi da brinquedoteca.

■ O Terraço Shopping, por meio da assessoria de imprensa, esclarece que mais do que desculpas, prestou atendimento à família dentro das medidas de segurança que zelam pelo bem-estar de todos os clientes e que garantiram a integridade da criança. Segundo o shopping, houve falha da brinquedoteca, reconhecida imediatamente pela proprietária que conversou com a leitora na mesma tarde. Explicou que foi a primeira ocorrência em 10 anos de trabalho e que a equipe seria reorientada. Segundo o shopping, o garoto foi rapidamente encaminhado pela funcionária de uma loja para a sala de segurança, conforme orientação prévia da equipe responsável. A mãe, ao ser abordada por outra funcionária, foi encaminhada a um segurança que a acompanhou ao local onde o menino já aguardava os pais. A notícia de que o filho aguardava na sala também foi veiculada pela rádio do shopping para alertar a família.

TRÁFICO DE CRIANÇAS

HOMEM PAGA R\$ 3 MIL POR BEBÊ

O gaúcho Paulo Ricardo Pereira da Silva Pithan, 32 anos, residente há um ano no Recife, foi preso ontem, acusado de tráfico de menor. Ele fez um acordo com uma mulher, de 25 anos, quando ela estava grávida, para ficar com seu bebê. Pithan gastou R\$ 3 mil com gastos hospitalares relativos ao parto, mas a mãe se arrependeu do trato após o nascimento da criança, na semana passada. A mãe denunciou o caso à polícia pois, segundo ela, estava sendo ameaçada por Pithan para entregar o filho. Ele disse que iria levar o bebê para o Rio Grande do Sul e o entregaria a uma cunhada. A mãe não foi presa por ter procurado a polícia, mas responderá por falsidade ideológica porque, no hospital em que teve o filho, deu um nome falso.

O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro concedeu ontem uma liminar em habeas corpus que proíbe a polícia do Rio de Janeiro de revistar crianças. O documento solicita que a ação aconteça somente se houver suspeita fundada e em companhia do responsável ou de um conselheiro tutelar. O pedido foi requerido pela organização não-governamental Projeto Legal e feito com base em reportagens veiculadas na última sexta-feira. Nas matérias, a polícia aparece revistando as mochilas de crianças a caminho de uma escola em Vigário Geral, na Zona Norte da cidade, sob a justificativa de que haviam fotografado traficantes escondendo armas nas mochilas dos alunos.

De acordo com a desembargadora Cristina Tereza Gauli, a busca e apreensão de mochilas escolares viola o direito à privacidade. "A medida se revela mais aviltante quando estamos diante de crianças, sobretudo se for realizada por agentes fortemente armados", afirmou. Para o advogado Carlos Nicodemos, do Projeto Legal, o principal objetivo da medida judicial é preservar a integridade das crianças. "Queremos garantir a elas o direito de ir e vir e evitar que cenas como essas não se tornem rotineiras nas comunidades do Rio de Janeiro, que mais uma vez são utilizadas como espaços para o exercício do desrespeito e da violência gratuita", declarou.

O habeas corpus é encabeçado por três crianças e estendido às demais crianças e adolescentes do estado.

ERRO MÉDICO

Plantonista de hospital aplica altas doses de penicilina contra pneumonia para tratar um garoto que sofria de amigdalite

Troca de raio-x provoca diagnóstico equivocado

DA REDAÇÃO

A confusão entre dois exames de raio-X, por uma médica do Hospital Anchieta, em Taguatinga Norte, quase terminou em tragédia. O menino Davi, de 1 ano e 11 meses, que apresentava quadro de amigdalite, foi tratado, por engano, com penicilina como se tivesse pneumonia. O garoto acordou na manhã da última sexta-feira passada ardendo em febre e com a garganta vermelha — parecia inflamada. Como a temperatura permanecia em 39 graus, seus pais o levaram ao hospital. No primeiro atendimento, o médico receitou antibiótico oral, porque a criança estaria apenas iniciando um processo inflamatório na garganta. O menino voltou para casa, mas teve de retornar ao hospital, já que os problemas não cessaram.

A profissional que assumiu os cuidados do garoto durante a tro-

ca de plantão, Roseberg Martins, receitou várias doses de penicilina, como se ele tivesse pneumonia, quando, na verdade, Davi tinha amigdalite. Para fazer o diagnóstico, a médica tinha em mãos a chapa de uma criança, por meio da qual supostamente teria verificado o pulmão alterado. O pai da criança, o servidor público Cristiano Alves Silva, 28 anos, conta ter ouvido o diagnóstico de Roseberg ao lado da professora Fabiane Vieira Nunes, 26 anos, mãe de uma menina de 1 ano. "Na hora que ela (a médica) leu (o documento), a mãe da menina disse: 'esse é o mesmo diagnóstico da minha filha'", lembra o servidor.

Dipirona

Como Davi ainda ardia em febre, foi-lhe receitado dipirona. "Depois disso, a febre do meu filho baixou. Mas ele continuou tomando a penicilina de quatro em quatro horas, porque estava sen-

do tratado contra pneumonia. A última dose foi aplicada às 6h do domingo", relembra a mãe do menino, Graziella Silva.

Pouco depois, às 9h, o menino recebia alta. "A médica plantonista disse que meu filho estava bem e que, aparentemente, seu pulmão estava limpo. A única observação era a sua garganta, que ainda estava vermelha", conta. Os três voltaram para casa e, mais calmos, os pais resolveram olhar o raio-X de Davi e constataram que o exame, na verdade, não era o do filho deles, mas de uma menina — a filha da professora Fabiane Vieira Nunes, que estava internada no Anchieta com pneumonia. De volta ao hospital, o casal ficou ainda mais perplexo: agora, com o raio-x correto em mãos, eles perceberam que, visualmente, o pulmão do menino não tinha nenhuma alteração. Além disso, a menina estava com um brinco, durante o exame. O acessório é claramente visível no raio-X dela.

Segundo a assessoria de imprensa do hospital, a penicilina já estava sendo receitada pela pediatra que atendera o garoto anteriormente. Além disso, segundo a assessoria, o que houve foi uma repetição de diagnóstico, já que as duas crianças foram medicadas como se tivessem o mesmo problema. "Tem um equívoco sério, tem. Mas isso não comprometeu a saúde da criança", esclareceu o coordenador médico do Anchieta, Roberto Valente.

Apesar de aliviada pelo fato de o filho não ter tido nenhuma complicação clínica, a mãe de Davi prefere não tratar o caso de forma tão simples. "Imagine se ela tivesse dito que era alguma doença no coração ou que tivesse de aplicar um medicamento mais forte ou mesmo operá-lo. Isso é muito sério", indigna-se. Em nota, o hospital informa que "abriu sindicância para apurar os fatos e as responsabilidades sobre o ocorrido".